

# ARTES PLÁSTICAS EM MANAUS NOS SÉCULOS XIX E XX: REFLEXÕES SOBRE O QUADRO *A LEI ÁUREA* DE AURÉLIO DE FIGUEIREDO.

Mikelane Almeida do Carmo<sup>1</sup>

Luciane Viana Barros Páscoa<sup>2</sup>

## RESUMO:

A pluralidade de estilos e a diversidade de procedências são características fundamentais para a constituição de um bom acervo de artes plásticas. Em Manaus, este acervo abrange não só a Pinacoteca do Estado do Amazonas, como também o instituto de História e Geografia do Estado do Amazonas e a Biblioteca Pública do Estado do Amazonas, dentre outros. É composto por obras de artistas significativos para a arte brasileira, apresentando no tema de suas obras, dentre outros, marcos históricos do academicismo do final do século XIX e outras tendências do século XX. Merece destaque a obra de Aurélio de Figueiredo, *A Lei Áurea*, por aludir um tema um de grande importância: a emancipação total do elemento servil no Amazonas, em 1884. Foi realizado um estudo iconográfico juntamente com uma apreciação estética da obra, a partir de uma síntese de dados histórico-críticos, dando continuidade à catalogação do acervo pictórico de Manaus.

**Palavras – Chave:** Manaus – História – Arte

## INTRODUÇÃO

A escassez bibliográfica sobre a história da arte em Manaus é um fato, unida à ausência de um catálogo crítico das obras que compõe o acervo pictórico, formam um quadro preocupante no âmbito das artes plásticas no Estado. Estes fatores impulsionaram a iniciativa e desenvolvimento deste trabalho, pois permitiram que uma pesquisa pioneira fosse iniciada em 2005/ 2006 e continuada em 2006/ 2007, objetivando sua ampliação para os anos seguintes.

---

<sup>1</sup> Licenciando do Curso de Música da Universidade do Estado do Amazonas

<sup>2</sup> Doutora em História da Arte Contemporânea pela Universidade do Porto/ Portugal; Professora de Estética e História da Arte I e II, Filosofia da Arte e Canto Coral I, II, III, na Universidade do Estado do Amazonas.

O acervo de Artes Plásticas em Manaus possui obras de grande valor, telas produzidas por renomados artistas tanto brasileiros quanto estrangeiros. Mas, devido à falta de um catálogo crítico dessas obras juntamente com sua respectiva análise estética, resumem suas informações apenas a uma breve citação sobre a época e a ocasião à qual foram confeccionadas.

Este estudo veio prosseguir com a oportunidade de investigação e análise de mais uma destas obras, no que diz respeito às suas representações e significados. E sabendo-se das limitações dispensadas, buscou-se focalizar a investigação no mesmo autor, mudando apenas de obra, a qual chamou bastante à atenção. Trata-se uma pintura histórica, que denota um acontecimento muito importante na história do nosso país e mais especificamente do Estado do Amazonas, *A Lei Áurea*. O objetivo maior deste projeto foi, não só estudar métodos e teorias do estudo de história da arte, como também o de levantar e sistematizar informações iconográficas referentes a esta obra, para que posteriormente se pudesse realizar uma reflexão sobre os elementos históricos e estéticos que a envolveram na época de sua composição e os benefícios adquiridos pela comunidade amazonense, devido a sua existência e permanência no acervo da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas.

A pesquisa se desenvolveu a partir do levantamento das informações artístico-culturais, através do estudo histórico de um apanhado de dados do artista escolhido, adquiridos em acervos particulares e públicos, visto que não se deve analisar uma obra sem que se conheçam os dados biográficos do artista, suas influências e sua formação, principalmente o contexto histórico e estético no qual está inserido. Procurou-se também observar outras obras do artista e seus componentes, pesquisas em fontes primárias (jornais, revistas periódicos, documentos oficiais) e secundárias (bibliografia e estudos críticos). Dos materiais bibliográficos utilizados alguns foram de fundamental importância, como: *O Significado nas Artes Visuais* de Erwin Panofsky, *O Panorama das Artes Plásticas: séculos XIX e XX* de Frederico Moraes, *História da Pintura Brasileira no século XIX* de Quirino Campofiorito e Aurélio de Figueiredo – *Meu Pai* de Heloysa de Figueiredo Cordovil, filha do Artista em estudo. Muitos movimentos artísticos se desenvolveram durante os séculos XIX e XX, mas a pesquisa se deteve particularmente no Academicismo, movimento principal ao qual o artista pertenceu, apesar, de ter sido influenciado sobremaneira por seu irmão e mestre Pedro Américo, no que diz respeito ao Neoclassicismo e mais tarde fazendo parte da inovação do Paisagismo. Após todo o processo iconográfico, foram desenvolvidas uma reflexão e

apreciação estética da obra selecionada, com base nas fundamentações teóricas aplicadas, que proporcionaram um resultado satisfatório ao que se pretendeu no início da pesquisa.

## DESENVOLVIMENTO

Inicialmente, apresenta-se uma controvérsia a respeito do nascimento de Aurélio de Figueiredo (Areia/ PB: 1854 - Rio de Janeiro/ RJ: 1916). Na maioria das fontes pesquisadas encontra-se a informação de que Aurélio de Figueiredo nasceu no ano de 1854, ao passo que outros autores afirmam ter sido em 1856. A partir de então se questionou qual seria a data mais precisa de seu nascimento: em 1854 ou em 1856? Não seria possível responder a esse questionamento a não ser pela precisão da data de aniversário do Centenário de seu nascimento, realizado em 1956, pois em toda a bibliografia pesquisada foi consensual a data da comemoração do Centenário e a partir de tais informações considerou-se, no trabalho de 2005/ 2066, a data de 1856 como sendo o ano de nascimento do artista. Mas, nesta nova fase do projeto (2006/ 2007), foram realizadas novas pesquisas e encontrou-se no livro *Aurélio de Figueiredo - Meu Pai* de Heloysa de Figueiredo Cordovil, filha do artista, a data de 03 de agosto de 1854 como sendo o nascimento de Aurélio de Figueiredo. Desse modo, apesar das evidências anteriores, considera-se em definitivo o ano de 1854, como o ano de nascimento do artista em questão, ficando para uma próxima oportunidade, a descoberta de qual teria sido o motivo da comemoração de seu Centenário de nascimento em 1956 ao invés de 1954.

Pintor, caricaturista, desenhista, escultor e escritor, Francisco Aurélio de Figueiredo Cirne e Mello, freqüentou ainda adolescente a Academia Imperial de Belas Artes - Aiba, no Rio de Janeiro, sob a orientação de seu irmão, o pintor Pedro Américo (1843 - 1905) , e de Jules Le Chevrel (c. 1810 - 1872). Em 1871, publicou suas primeiras caricaturas em *O Diabo a Quatro* no Recife e *A Comédia Social* no Rio de Janeiro. Colaborou também como caricaturista na *Semana Ilustrada*, de 1873 a 1875, com séries temáticas, como *Os Mistérios de Todos os Dias na Côrte*, de 1874. Viajou para a Europa e residiu em Florença, entre 1876 e 1878. Nessa época, trabalhou no ateliê de seu irmão e estudou com Antonio Ciseri (1821 - 1891), Nicolò Barabino (1832 - 1891) e Stefano Ussi (1822 - 1901), todos pintores de história, gênero e retrato. Retornando ao Brasil, colaborou, entre 1878 e 1879, com o periódico *Diabo Coxo*, no Recife. A partir de 1880, visitou outros países europeus e participou de várias edições da Exposição Geral de Belas Artes. Tornou-se conhecido pelos quadros *Francesca da Rimini*, de 1893, e *O Último Baile da Ilha Fiscal* de 1905. Produziu

também retratos, naturezas-mortas, cenas de gênero e paisagens. Dentre as principais exposições individuais deste artista, destacam-se aquelas realizadas em 1912, no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, e a exposição póstuma em 1956, no Museu Nacional de Belas Artes - MNBA, no Rio de Janeiro, que reuniu grande parte de sua produção artística.

Para o historiador Herman Lima, as caricaturas de Aurélio de Figueiredo se destacam pelo traço vigoroso e elegante, pelo desenho correto e limpo e pela composição harmônica:

O artista, porém, que se impõe particularmente neste capítulo das artes plásticas é ainda outro, o caricaturista que ele foi, mestre da arte do traço cômico, insuperável em muitos aspectos entre os do seu tempo, muito embora tão injustamente esquecido, a despeito da numerosa obra que nos deixou nesse gênero (LIMA, 1963,p.852).

O principal movimento artístico ao qual pertenceu Aurélio de Figueiredo foi o Academicismo. O termo liga-se diretamente às academias de arte presentes na Europa desde 1562, com a criação da Academia de Desenho de Florença, disseminadas por diversos países durante o século XVIII. No Brasil, a origem da arte acadêmica ligou-se à criação da Academia Imperial de Belas Artes - Aiba, inaugurada oficialmente em 1826, fato que marcou o início do ensino superior artístico no Brasil. Os prêmios e bolsas de viagem ao exterior, concedidos pela Aiba, tiveram papel decisivo na formação de artistas como, por exemplo, Victor Meirelles (1832 - 1903) e Pedro Américo (1843 - 1905). Em linhas gerais, a arte acadêmica no Brasil correspondia a um modelo neoclássico readaptado, que tinha de enfrentar as condições da natureza e sociedade locais. Entre as várias alterações no modelo, encontra-se o predomínio das paisagens nos pintores acadêmicos brasileiros, a despeito da hierarquia de gêneros, que considerava a paisagem secundária. Embora a formação de Aurélio de Figueiredo tenha se dado no âmbito da arte acadêmica, o artista também se aproximou do romantismo, do simbolismo e do ecletismo.

A relação de Aurélio de Figueiredo com a arte, vai além do que se possa pensar, pois suas raízes advinham de grandes artistas, e diferentemente do que se poderia supor, a influência de sua descendência não veio através das artes plásticas, e sim da música. Seu avô, Manuel de Cristo, era apaixonado pela música, regia uma orquestra de quarenta músicos que fazia muito sucesso em concertos pelo nordeste do país. Sua formação musical influenciou toda sua geração, pois cada um dos seus filhos tocava algum instrumento ou cantava. Seus filhos Daniel de Figueiredo e Tristão Granjeiro (também excelente barítono) foram grandes

violinistas, suas filhas Dona Maria, mezzo - soprano dramático e Dona Claudina, contralto. Desse modo não seria de se estranhar que a Família Figueiredo carregasse e perpetuasse essa herança artística, desde Manuel de Cristo, por todas as suas gerações, destacando-se tanto na música como nas artes plásticas. Aurélio de Figueiredo casou-se com Paulina de Capanema (filha do Dr. Guilherme Schuss, Barão de Capanema) e dessa união nasceram filhas muito talentosas, Silvia, Helena, Suzana e Heloysa. As três primeiras criaram e dirigiram a Escola de Música Figueiredo – Roxo, primeira escola de música a sobreviver no País, foi pedra fundamental da Escola de Música Villa-Lobos, pertencente ao Estado da Guanabara, atual Estado do Rio de Janeiro. A Escola teve um brilhante desempenho, não só pelo idealismo de suas fundadoras, como também pelo seu conceituado corpo docente, disciplinae e honestidade de sua direção que não visava lucros comerciais, mas apenas desenvolver a arte no país da melhor maneira possível. Heloysa de Figueiredo, por sua vez, deu concertos brilhantes se destacando, assim como sua colega pianista professora Celina Roxo, na escola fundada por suas irmãs, perpetuando o sucesso e talento da família Figueiredo através da publicação da biografia de sua família no livro *Aurélio de Figueiredo - Meu Pai*, que faz parte da bibliografia deste trabalho.

É importante mencionar que o artista esteve em Manaus, pelo menos em duas ocasiões, em 1888 e em 1907, em convite oficial e provavelmente lecionou durante algum tempo na Academia Amazonense de Belas Artes, em 1907 (PÁSCOA, 1997). Em sua estada na cidade, realizou exposições (no Grupo Escolar Silvério Nery em 1907), executou encomendas e vendas de obras, recebendo ainda significativas homenagens dos governantes. De sua estada em Manaus, permanecem em acervos públicos e particulares as seguintes obras: *O Último Baile da Ilha Fiscal* e o *Banho de Ceci* (Pinacoteca do Estado do Amazonas), *A Lei Áurea* (Biblioteca Pública do Estado do Amazonas) e os retratos da *Princesa Isabel* e de *Dom Pedro II* (Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas).

A descrição da obra foi feita a partir de seu registro fotográfico, na Biblioteca Pública do Estado do Amazonas<sup>3</sup> e para desenvolver o estudo iconográfico e respectivas reflexões estéticas, foi elaborado um roteiro de análise de obra de arte.

---

<sup>3</sup> A Biblioteca Pública do Estado do Amazonas está desde janeiro de 2007 fechada para reforma e o acesso dos usuários ficou suspenso.



Aurélio de Figueiredo, A Lei Áurea, 1884, Óleo sobre tela.  
Acervo da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas/ Manaus – AM.

Em termos históricos, a obra se refere à Abolição da Escravatura no Estado do Amazonas em 1884, acredita-se, entretanto, que o quadro veio a ser encomendado e executado no decorrer do ano de 1888, pois na tela não consta uma data provável de execução. Apenas a moldura apresenta inscrições oficiais, que se referem ao episódio histórico homenageado. Apesar de pouco lembrado, este foi um marco muito importante para a história do Estado, repercutido por todo Brasil e desencadeado mais tarde na Lei de 13 de maio de 1888, promulgada pela Princesa Isabel.

Durante o século XIX, se estende uma forte resistência por todo o Brasil contra o regime escravocrata, começando pelos próprios escravos por meio de grandes rebeliões, tendo como principal exemplo o Quilombo dos Palmares, e por conseguintes setores da classe dominante (devido a pouca lucratividade que estava trazendo), e iniciativas governamentais como a Lei de extinção do Tráfico Negroiro em 4 de setembro de 1850, a Lei do Ventre Livre em 28 de setembro de 1871 (todos os filhos de escravos que nascessem a partir do decreto, seriam livres), o Fundo de Emancipação (previa libertar anualmente, certo número de escravos, isto levaria tanto tempo, que se dependesse disso, quem sabe até hoje estariam esperando pela emancipação dos escravos).

Esses movimentos foram se expandindo aos poucos por todo o país, manifestado de forma decisiva pela 1ª vez no Ceará com a abolição total da escravatura em 25 de março de 1884. Alguns meses depois, o Amazonas foi agraciado com a emancipação da escravatura na província, colocando-o como 2º Estado a abolir completamente o regime escravista no Brasil. Mas toda essa conquista só foi possível após vários precedentes de lutas e desafios, realizado pela grande campanha abolicionista realizado no Amazonas.

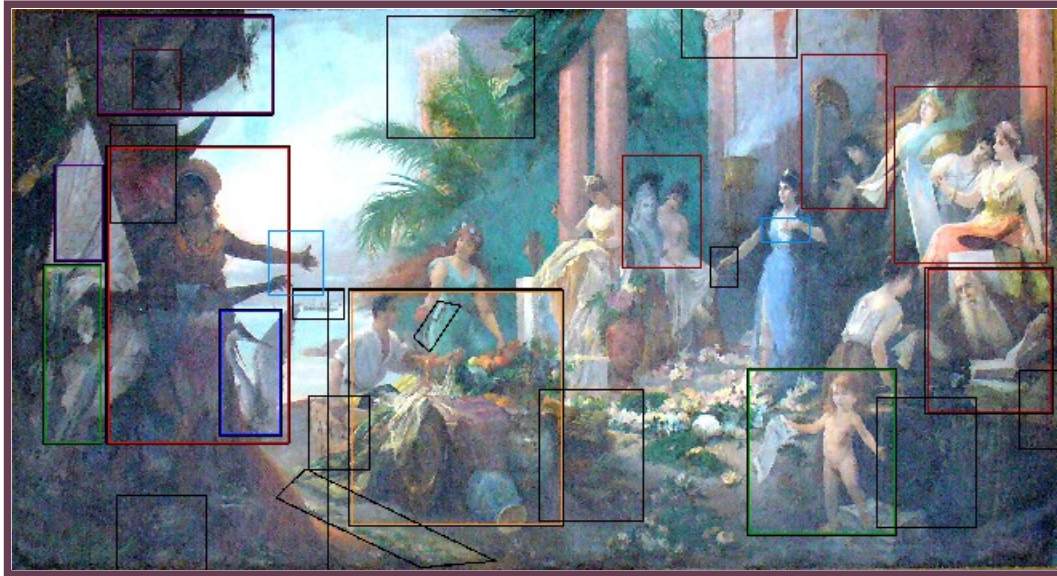
A campanha abolicionista no Amazonas foi um movimento que consagrou os sentimentos da nobreza e de altruísmo da família amazonense, reunindo pessoas de todas as

classes, desde os políticos até as mães de famílias, organizados em várias associações no firme e único propósito de engrossar a grande voz que cada dia se alastrava pela província. Foram elas: a Sociedade Emancipadora Amazonense (1866), a Libertadora Cearense (1881), a Comissão Central Abolicionista Amazonense, a Sociedade Amazonense Libertadora, a Libertadora 25 de Março (Jornal *O Abolicionista do Amazonas*), a Cruzada Libertadora, o Clube Escolar Abolicionista, o Clube Juvenil Emancipador, a Sociedade Abolicionista 1º de Janeiro, todas em 1884. Depois de tanta luta e trabalho em prol da emancipação dos escravos, em 24 de maio de 1884, sob a administração de Theodoretto Carlos de Farias Souto, a província amazonense foi gloriada com a proclamação da extinção do elemento servil.

A comemoração foi realizada na Praça de Dom Pedro II, em frente ao então palácio do governador (depois sede da Prefeitura Municipal), sendo entregue na ocasião cento e oitenta e seis cartas de liberdade (BRAGA,1987). A sociedade amazonense tinha alcançado uma grande e notória conquista que repercutiria pelo Brasil e pelo mundo. A reunião solene se deu em 10 de julho do mesmo ano, apesar de doze dias após a redenção total do Amazonas, Theodoretto Souto ter deixado a administração da província. Embora muitos não saibam, a Rua 10 de julho, localizada no centro antigo de Manaus, recebeu este nome em razão desta data. Após esses acontecimentos no norte do Brasil, foi promulgada a Lei do Sexagenário ou Saraiva Cotegipe (liberdade dos escravos com mais de sessenta anos sem indenização aos proprietários) em 28 de setembro de 1885, solicitação dos Militares para não mais participarem das tropas em busca de escravos fugitivos em 23 de outubro de 1887 e finalmente a Aprovação da Lei Áurea ou Lei João Alfredo pelas Câmaras e pela Princesa Isabel, declarando abolida a escravidão no Brasil em 13 de maio de 1888<sup>4</sup>.

---

4 AMANAQUE ABRIL. História do Brasil, 16ª edição, editora Abril. São Paulo, 1990.



*A Lei Áurea* trata-se de uma obra alegórica (personagens simbólicos) e seu estilo pode estar relacionado ao neo-maneirismo e ao neo-barroco, devido às cores vibrantes e a disposição com que às personagens são colocadas na tela.

Não há uma divisão definida de planos, mas, pode-se notar uma divisão principal em simbologia a dois mundos: O lado esquerdo retrata os fatos relacionados à escravidão e sua emancipação: Ambiente com pouca iluminação, como se fosse um fim de tarde na mata. Aparentemente trata-se de uma fortaleza em ruínas (possivelmente uma referência ao Forte de São José da Barra do Rio Negro), que pode estar representando uma estrutura de poder desgastada, um mundo arruinado e em decadência, abrangendo as questões nacionalistas e republicanas; a presença do elemento indígena, caçador e negro, vestidos e ornados com cocares, flechas, etc.

Em detalhes tem-se um cacto típico das regiões sertanejas do nordeste, o mandacaru, que segundo crenças da região quando ele floresce é sinal que a chuva chega ao sertão (alusão à abolição total da escravatura no Ceará em 25 de março de 1884, o 1º Estado a obter essa conquista); uma arara vermelha e uma garça-moura em representação às belezas da fauna amazônica; por trás e acima desses elementos há uma construção em ruínas, em simbologia á decadência do regime escravista; um negro com as correntes nos pés quebradas, segurando uma bandeira com o nome redenção (representa a servidão negra que agora é livre); a índia aludindo o trabalho servil indígena precursor ao negro e principal mão de obra no Amazonas, extinto no Brasil após a vinda dos Jesuítas, mas continuado no Amazonas mesmo após a abolição dos negros; ambos expressam, através de seus gestos, o desejo de alcançar a vida



oferecida por um novo mundo, uma realidade agora possível pelo direito legal concedido ao escravo de ser direito e de fato um cidadão com direito de cidadão.

Do lado direito, está à visualização desse novo mundo cheio de perspectivas e novidades em toda área da ciência e vida humana, há muita movimentação e vários personagens: parece ser um altar de glorificação às Artes e à Liberdade, representadas pelas alegorias da Pintura, Música, Escultura e Poesia. A liberdade pode ser representada através dos nus. A nudez apresenta diversos significados simbólicos, mas neste contexto, pode ser entendida como desvelamento e despojamento, símbolo da pureza e da verdade. Expressa também a renúncia às vestimentas, que por sua vez, representam o aprisionamento ao mundo terreno. Representação também da Ciência, Indústria, Comércio, imprensa, e muitos outros elementos que compunham uma realidade totalmente diferente de tudo o que o negro tinha vivido motivo pelo qual tanto chamava sua atenção. Toda essa perseverança pela conquista da liberdade, se deu principalmente pela força da raça negra que apesar da distância de sua terra, não deixou que sua cultura morresse, dando-lhes força pra resistir a tudo de ruim que lhes sobreveio, em busca de alcançar direitos de um verdadeiro cidadão, a simples liberdade de ir e vir. A presença majoritária de mulheres nesta tela, provavelmente foi em homenagem ao movimento abolicionista organizado pelas mulheres amazonenses em 1884, figuras alegóricas que se misturam à representação do povo. Ao longe um navio a vapor precedido por um edifício, ambos em referência às mudanças tecnológica da época; plantas, folhagens, muitas flores e furtas, numa referência à cor local; O velho barbado pode representar o tempo, o saber e as leis; a menina com um boletim na mão pode ser uma alusão à imprensa, que muito esteve presente em todo o processo de emancipação do Amazonas; os livros representam a literatura e o saber; a jovem com um pincel na mão representa a pintura; a que tem uma tiara na cabeça e a que está a frente dela com uma das mãos para frente representam as artes cênicas; A jovem que toca a harpa representa a música; a jovem do lado da estátua juntamente com ela, representa a escultura; a bordadeira representa uma atividade muito comum entre as moças de família da época e a que oferece uma fruta ao jovem representa juntamente com ele a prática do comércio, ele na pessoa de um mulato que representa a miscigenação onde não há mais separação entre brancos, negros e índios, mas todos são uma só raça; a fumaça presente representa os vestígios que restaram daquela época de opressão e covardia.

## **CONCLUSÃO**

A obra pictórica de um modo geral abre caminhos infinitos que só a mente humana poderia buscar em sua tão grande e complexa diversidade e este projeto veio somar informações e corroborar para expansão da análise reflexiva estética de Artes Plásticas em Manaus, enriquecendo ainda mais o patrimônio e a cultura amazonense.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Genesino. **Chão e Graça de Manaus**. Manaus: Imprensa Oficial, 1987.

CAMPOFIORITO, Quirino. *História da Pintura Brasileira no século XIX*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1983.

CORDOVIL, Heloysa de Figueiredo. *Aurélio de Figueiredo - Meu pai*. Rio de Janeiro: Gráfica Vida Doméstica, 1985.

DUQUE, G. **A Arte Brasileira**. Introdução e nota de Tadeu Chiarelli. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

FRANCASTEL, Pierre. *A Realidade Figurativa*. 2º. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

LIMA, H. Os precursores (conclusão). In: *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1963, v., p.850-864. Cap.12.

MORAIS, F. *Panorama das Artes Plásticas: séculos XIX e XX*. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1989.

PÁSCOA, Márcio. **A Vida Musical em Manaus na Época da Borracha**. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas/Funarte, 1997.

PANOSFSKY, Erwin. **O Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

PONTUAL, Roberto. **Dicionário das artes plásticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

ZANINI, Walter, org. **História Geral da Arte no Brasil**. São Paulo: Instituto Walther Moreira Sales, Fundação Djalma Guimarães, 1983.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.